

Decisão em mar revolto

O único nas proximidades, Pete Goss teria de retornar à tormenta para ajudar o amigo

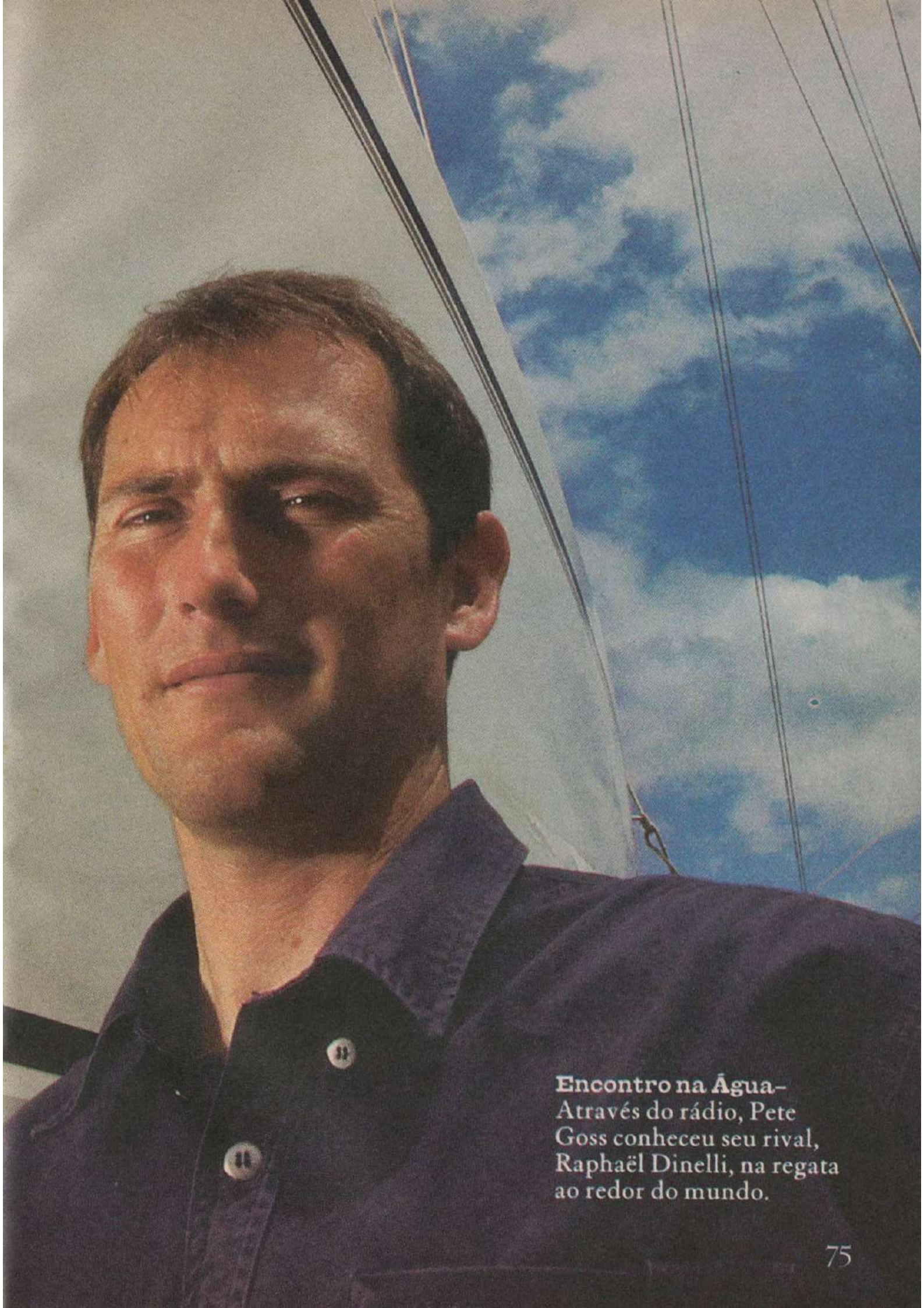
Por RUDOLPH CHELMINSKI

NO BRAÇO gélido do mar Antártico entre a Austrália e a Antártida, a noite de Natal de 1996 trouxe uma repentina e violenta tempestade. O barômetro do *Aqua Quorum* – um veleiro de regata de quinze metros – despencou.

Desnortado, Pete Goss, 35 anos, recolheu o velame, deixando apenas

a vela de tempestade, retalho triangular de lona na proa. O mar agora fumegava branco de espuma, avolumando-se e se revoltando, castigado por ventos uivantes, enquanto o *Aqua Quorum* jogava em meio a vagalhões mais altos do que um prédio de três andares.

Goss era um dos 15 velejadores inscritos na Vendée Globe, regata em solitário ao redor do mundo. Ti-



Encontro na Água-
Através do rádio, Pete
Goss conheceu seu rival,
Raphaël Dinelli, na regata
ao redor do mundo.

na partida da França havia quase dois meses, tomando o rumo sul, passara pelo Cabo da Boa Esperança na África e estava agora nas águas desertas a sudoeste da Austrália. Dali cruzaria o Pacífico, contornaria o Cabo Horn e então retornaria ao norte pelo Atlântico.

Na parede acima do painel de instrumentos, havia colado fotos de sua família na Inglaterra: a mulher, Tracey, e os três filhos – Alexander, Olivia e Eliot. Ao fitar seus rostos, um frio percorreu-lhe a espinha. *E se eu não conseguir?*

Como se respondesse, o *Aqua Quorum* mergulhou em um vagalhão, a cabine escurecendo engolfada pelas águas. Enquanto esgotava água da cabine em meio à violência do vendaval, Goss escutou um sinal do computador portátil sobre a mesa de navegação. Era uma chamada

de emergência do Centro de Coordenação de Salvamento Marítimo da Austrália: a embarcação *Algimouss* tinha enviado um pedido de socorro.

Goss não associou o nome a nenhum veleiro da Vendée Globe. Minutos depois o computador emitiu mais um sinal e cuspiu um fax do centro de organização da regata: “Oi, Pete. Raphaël está em apuros. Acha que pode ajudar?”

RAPHAËL DINELLI e Pete Goss poderiam ser irmãos, tão semelhantes eram suas histórias. Marinheiros de profissão desde jovens, eram párias sem tostão em uma regata de ricos. Dinelli, que aos 28 anos era o mais jovem participante da regata, pilotava o *Algimouss*, velho veleiro de segunda mão.

Goss, antigo membro da unidade de assalto da Marinha Real, era veterano em *se virar* com pouco dinheiro. Havia participado de uma regata transatlântica com um veleiro tão

primitivo que navegou até a América seguindo o rastro de fumaça de jatos comerciais. Levou dez anos planejando e levantando recursos para sua participação na Vendée.

Mas o *Aqua Quorum*, assim como outros veleiros na regata, estava equipado

com a parafernália eletrônica de ponta. Possuía um GPS (Sistema de Posicionamento Global), capaz de localizar um barco com precisão minuciosa, e radiofaróis cujos sinais de S.O.S. podem ser rastreados em uma área de cerca de 150 metros.

Dinelli e Goss tinham se conhecido durante a regata, pelo rádio, com a ajuda de outro participante como intérprete – Goss não falava francês e o



© JARED SCHNEIDMAN, DESIGN



Espuma Enfurecida— O 'Aqua Quorum' enfrenta o mar revolto e suas ondas monstruosas, que ganham volume com a força do vento.

inglês de Dinelli era rudimentar. Aos poucos foram se tornando amigos.

Agora Raphaël Dinelli estava em sérios apuros. Uma parede maciça de água se avolumara atrás dele, fervilhando e sibilando. O *Algimouss* se ergueu, empinando cada vez mais a popa até parecer que ia virar. Então mergulhou, deslizando de lado, enquanto se esforçava em vão para enfrentar as terríveis forças que investiam contra a popa.

— Rápido demais — alarmou-se Dinelli. — Rápido demais!

Com um baque ensurdecador a

monstruosa parede de água emborcou o *Algimouss*, lançando Dinelli contra o teto da cabine numa chuva-rada de provisões, papéis e instrumentos. Com o mastro e o cordame submersos, o *Algimouss* não conseguia se endireitar. A metade superior do mastro se havia partido e ficara-se no convés de ponta-cabeça. Fustigado pelas ondas, o mastro ia abrindo ruidosamente um buraco cada vez maior. O *Algimouss* estava aos poucos se destruindo por dentro.

— DROGA! — resmungou Goss.

Dinelli, segundo fax recebido do centro de organização da regata, estava a 160 milhas náuticas *contraven-to*. Goss teria de retornar à tormenta, cruzando as piores águas que já havia enfrentado.

Martelou uma mensagem: havia alguém mais próximo de Dinelli? Negativo e, a 1.190 milhas náuticas da costa australiana, Dinelli estava fora do alcance de helicópteros. Goss era a única esperança.

Ele refletiu por um momento. Com mulher e três filhos, teria o direito de se arriscar? Mas já sabia qual era a resposta.

Goss engatinhou pela portinhola da cabine e girou com força o timão. Com a fúria titânica do vento, o *Aqua Quorum* imediatamente aderiu. *Não vou conseguir nunca*, pensou. Mas o barco se aprumou e com um baque surdo partiu em direção à tormenta.

DINELLI VESTIU o traje vermelho de sobrevivência sobre as roupas quentes, agarrou os radiofaróis e os prendeu em torno do pescoço. Com os três compartimentos centrais do *Algimouss* inundados pela água gélida que chegava à cintura de Dinelli, nada havia a fazer a não ser esperar. Ao menos os compartimentos estanques da proa e da popa estavam mantendo o barco à tona. Mas até quando?

Durante três horas o veleiro ficou emborcado, Dinelli preso no interior. Então o mastro quebrado conseguiu se soltar e o barco se apru-

mou. Arrastando-se para o convés, Dinelli viu a devastação.

Passou então a considerar a morte não como idéia abstrata, mas sim como uma força ávida por envolvê-lo. Com o convés coberto pela água, trepou no teto da cabine do *Algimouss*, preso firmemente pelo cinto de segurança para não ser atirado ao mar. Cavalgou o *Algimouss* durante toda a tarde como um cavaleiro de circo, os joelhos dobrados, inclinado contra o vento e as ondas.

Então, ao escurecer, negociou com o barco:

– Vamos fazer um pacto – propôs. – Você não desiste e eu não desisto. Combinado?

POR HORAS A FIO Pete Goss bordejava contra a tormenta, progredindo em ritmo desesperadamente lento. Por fim, com frio e exausto, ligou o piloto automático, rastejou para a cabine e caiu no sono. Mas foi despertado repentinamente por um estrondo ensurdecedor seguido de faíscas. Um recipiente de lubrificante em aerossol havia se alojado entre os terminais do gerador do *Aqua Quorum*, provocando um curto-circuito e uma chuvarada de fagulhas. Goss despreendeu apressadamente a lata. Esquecendo o sono, retornou ao convés onde o vento amainara o suficiente para que içasse a vela grande.

ÀS 2 HORAS da madrugada, o capitão-aviador Ian Whyte, comandante da *Rescue 251*, aeronave Orion da

Força Aérea Real da Austrália, foi despertado por um telefonema. Havia um pedido de socorro no mar Antártico. Três horas depois o turboélice quadrimotor já havia decolado. Sua missão: localizar a embarcação em perigo e, caso Dinelli ainda estivesse vivo, jogar o *kit* de salvamento de ar-mar, e em seguida encontrar Goss e guiá-lo até o *Algimouss*.

No final da tarde de 26 de dezembro, a mais de mil milhas náuticas

Com os olhos semicerrados pelo excesso de sal, viu quando quatro contêineres se soltaram do bojo do avião. Inflando-se enquanto caíam, duas balsas de borracha atingiram a água e deslizaram em direção ao barco danificado. As balsas estavam ligadas por uma corda de náilon a outros contêineres com suprimentos de emergência.

Agarrando a primeira balsa, Dinelli caiu dentro dela e soltou-se do barco. Momentos depois, o *Algimouss* desapareceu sob as ondas. Cumprira sua parte do pacto até o final. Dinelli, incapaz de se erguer, encolheu-se no fundo da balsa salva-vidas. Cada vez que uma onda se chocava contra a pequena embarcação, ele gritava de dor, torturado por câibras. Aturdido pelo frio e exausto, tremeu durante toda a noite, aguardando pela alvorada da Antártida.



© PETE GOSS/DPPI

Prova de Esforço— Goss luta para se manter longe da água que invadia o barco.

da costa australiana, a aeronave detectou sinais de um radiofarol. Whyte desceu através das nuvens. A 180 metros de altitude, reduzindo a velocidade, ele e o co-piloto, Nicholas Platts, examinaram minuciosamente o horizonte.

Dinelli ouviu o ronco de uma aeronave. Ergueu-se da sua posição de surfista e viu um avião cinzento.

PETE GOSS estava no convés costurando uma vela rasgada quando uma grande aeronave cinzenta sobrevoou o barco. Um tripulante do *Rescue 251* comunicou-lhe pelo rádio que haviam lançado uma balsa salva-vidas para Dinelli.

— Sofri algumas avarias — informou Goss —, mas consegui consertar. Feliz Natal.

O avião retornou ao *Algimouss* e deixou cair três rádios portáteis em



Início do Resgate– Goss conduz a embarcação até a balsa de Dinelli.

caixas especiais. Anexada a eles, a mensagem: “Pete Goss dez horas ao sul. Resgate amanhã.” Com o combustível se esgotando, a aeronave rumou então de volta à Austrália.

Aquela noite Goss permaneceu no convés, onde o vento fazia o frio despencar para 30° C abaixo de zero. Antes do alvorecer, porém, uma nova posição atualizada revelou que ele estava apenas a dez quilômetros de Dinelli.

Disparou sinais luminosos e a buzina manual de cerração. Nada. Não conseguia afastar o pensamento que o torturava: mesmo que encon-

trasse a balsa, abrigaria ela um velejador morto?

– Vamos lá, Raphaël. Você tem de se ajudar!

NO INTERIOR da balsa, Dinelli tremia tão violentamente que não conseguia parar de bater os dentes. *Não vá dormir*, dizia a si mesmo. *Pete está chegando*.

Dinelli pensava em sua infância em Bordeaux, na França, na despreocupada juventude como campeão de surfe, nos anos felizes com a namorada Virginie e na filha deles de um ano e meio, Philippine. Ele

deveria ter se casado. Pediria a mão de Virginie – se sobrevivesse.

Ao amanhecer, Goss ainda não havia visto nenhum sinal do amigo e contatou a força aérea australiana. A resposta veio na hora.

– Estaremos com você em quatro minutos.

Outra aeronave de salvamento havia decolado durante a noite e se encontrava apenas a poucos quilômetros dali.

– Localizamos o sobrevivente – o capitão-aviador Warren Hutchinson comunicou pelo rádio. – Vamos guiá-lo até ele.

Goss estava apenas a meia hora de seu alvo.

– Observe – disse Hutchinson. – Vou piscar as luzes de aterrissagem quando estivermos sobre Dinelli.

Por fim Goss viu um pontinho alaranjado e conduziu o *Aqua Quorum* até a balsa. Dinelli se ergueu e Goss içou-o pela amurada até o convés.

– Você não vai apagar agora – disse Goss.

Então carregou o francês para sua cabine, despiu-o, vestiu-o com roupas térmicas secas e enfiou-o num saco de dormir. Por fim lhe serviu chá quente. Dinelli bebericou, agradecido, e mergulhou no sono. De volta ao rádio, Goss comunicou à tripulação do avião – que continuava a voar em círculos – que rumaria para Hobart, na ilha australiana da Tasmânia.

– Muito obrigado pela ajuda – fi-

nalizou ele. – Vocês foram fenomenais.

De pé na proa do *Aqua Quorum*, Goss acenou e preparou-se para içar velas. Independentemente do que viesse a ocorrer na Vendée, sabia



© HENRI THIBAUT/DPPI

Grande Amizade– Goss (esquerda) e Dinelli agora navegam juntos.

que já havia vencido a corrida mais importante.

Depois de deixar Dinelli em Hobart, Goss prosseguiu, completando a Vendée Globe em quinto lugar, em março de 1997. Em junho daquele ano, o presidente Jacques Chirac conferiu-lhe a mais alta condecoração da França, a *Légion d'honneur*. E, em 30 de agosto, Raphaël e Virginie se casaram, tendo Goss como padrinho.

Dois meses depois o barco de Goss deslizava pelo oceano em uma regata da França à Colômbia. Dessa vez, eram dois os tripulantes: Pete Goss e Raphaël Dinelli.
